

A RESISTÊNCIA FEMININA PELA LITERATURA DO SÉCULO XIX

FEMALE RESISTANCE THROUGH 19TH CENTURY LITERATURE

Isabela Albertacci Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4454@academicougb.com.br

Luciana Peres Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4454@academicougb.com.br

Elisa Andrade Costa Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4454@academicougb.com.br

Resumo O objetivo geral desta pesquisa é apresentar reflexões acerca da presença da escrita feita por mulheres no século XIX a partir da obra *Duas irmãs*, de Maria Benedita Bormann. À luz da teoria de críticos como Bosi (1970), Candido (2006) e Telles (2020), entre outros autores que se dedicaram aos estudos literários, este trabalho busca analisar a concepção em torno da realidade da mulher da época, apresentando aspectos diversos do modo apresentado por escrituras de autoria masculina. Dessa forma, pretende-se explorar, além dos aspectos formais, os traços de resistência que se apresentam no romance em questão.

Palavras-chave Criticidade. Literatura. Mulheres. Prosa.

Abstract The general objective of this research is to present reflections on the presence of writing done by women in the 19th century based on the work *Duas Irmãs*, by Maria Benedita Bormann. In light of the theory of critics such as Bosi (1970), Candido (2006) and Telles (2020), among other authors who dedicated themselves to literary studies, this work seeks to analyze the conception surrounding the reality of women at the time, presenting different aspects in the way presented by male-authored scriptures. In this way, we intend to explore, in addition to the formal aspects, the traces of resistance that appear in the novel in question.

Keywords Criticality. Literature. Women. Prose.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 24/02/2024
Publicado em 12/04/2024

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar a literatura como fonte de resistência à situação da mulher. Em meados do século XIX, a história é marcada pelo processo de ascensão da burguesia carioca e, junto a isso uma nova mentalidade culminava na sociedade. Com a ideia de reestruturar o país seguindo os modelos das cidades europeias, mudanças políticas, econômicas, sociais e interpessoais ocorreram, bem como o modo como o indivíduo compreende a si próprio mediante o ambiente que está inserido. Nessa fase, a relação da mulher voltada à vida íntima era baseada nos bons costumes. O casamento passou a ser visto como relações de interesses e não permeado por laços afetivos, mas como ‘vantagem’, as mulheres que previamente não podiam socializar fora de seu espaço familiar agora poderiam ir a teatros e bailes.

Em âmbito literário, José de Alencar renomado escritor brasileiro do século XIX, era conhecido pela representação romântica da mulher em suas obras literárias. Construiu protagonistas femininas de grande relevância para o processo de identidade cultural, dentre elas, obras como “Senhora” e “Lucíola” que, em tal conjuntura, representa claramente esse momento. De outro lado, Machado de Assis também demonstra a mesma perspectiva em sua obra denominada “Dom Casmurro” (1874), em que Capitu, a figura feminina da trama, é apresentada como uma mulher inteligente, hábil e delicada. No entanto, todas essas mulheres, ao final, seguem um rumo determinado por uma sociedade machista. Aurélia se ajoelha diante do marido e lhe doa todos os bens para que ele possa gerir; Lucíola falece ao final, como uma espécie de punição por sua vida de meretriz, ainda que não tivesse outra saída, como mostra o enredo; e Capitu é julgada como adúltera pelo marido, sem ter direito à defesa. Foi necessária a escritura por mulheres da época para que houvesse algumas modificações nesse cenário.

Em meados do século XIX, aproximadamente, muitas escritoras começam a aparecer, embora a crítica pouco fale delas. Maria Firmina dos reis, por exemplo, nossa primeira escritora abolicionista, fez-se valer de seu espaço na escrita para expor a indignação contra a escravidão e, para isso, deu voz a personagens negros em sua obra, mas o autor ainda lembrado se trata de Bernardo Guimarães, por seu romance *A escrava Isaura* com menos criticidade em torno do tema. Este é apenas um exemplo entre muitas outras autoras importantes que inauguraram o espaço literário no século XIX, juntamente com os autores reconhecidos. Divulgaram suas obras em folhetins e fizeram sucesso, mas foram esquecidas pela história da literatura que insiste em privilegiar os cânones masculinos. Nesse contexto, Maria Benedita Bormann (Délia), foco de nossa pesquisa, foi uma das autoras que surgiu no período do século XIX, com seus clássicos, que seguiam a linha de demonstrar a figura feminina como resiliente, amorosa, mas, sobretudo, guerreira. Em suas narrativas observam-se severas críticas ao casamento e ao modo como a mulher é tratada na sociedade.

Por essa marcação literária da vivência feminina daquele tempo, é possível verificar as diferenças

entre o enredo escrito pelas escritoras sobre a mulher e a escrita pelos homens. Certamente, a percepção feminina é mais direcionada a mostrar os desafios em torno das relações sociais e pessoais, uma vez que o objetivo é demonstrar a realidade em uma sociedade em que pouco se fala sobre igualdade de gênero.

Em meio a essas análises, portanto, este estudo busca analisar os aspectos que revelam a resistência feminina pela literatura na obra *Duas irmãs*, de Maria Benedita Bormann, publicada em 1884. Como objetivo geral, busca-se observar o olhar crítico da escrita feita por uma mulher por meio de situações evidenciadas no enredo da obra. Os objetivos específicos tratam da análise estrutural do romance a fim de associar conteúdo e forma como elementos motivadores da reflexão sobre a situação da mulher durante os oitocentos.

2 PATRIARCADO E SUBMISSÃO FEMININA: O CONTEXTO DA MULHER NO BRASIL DOS OITOCENTOS

As escritoras oitocentistas se destacam positivamente pela coragem de se colocar em posição de enfrentamento e combate em um mundo que pouco se fala sobre igualdade de gênero. Para promover voz às mulheres, elas criaram, através da literatura, identidades femininas que gerassem reconhecimento e identificação, o que permitiu que criassem seu próprio espaço na sociedade com a chance de autodefesa.

Sabendo que a sociedade está sempre em constante movimento, é certo afirmar que os costumes e a cultura de cada agrupamento se modificam constantemente deixando marcas ou se desprendendo de seu próprio processo histórico. Dessa forma, em meados do século XIX, algumas mudanças ocorreram, como o erguimento da República, o qual prometia melhoria nas condições de vida através de alguns projetos de governo implantados. A ideia defendida pela elite era trazer à sociedade brasileira um modelo marcado por padrões sociais e individualizados assim como os das cidades europeias, a fim de apagar os traços deixados pelo Império. Essa situação social e política toma posição de romantizar a noção de família. Com a ascensão da burguesia, uma nova mentalidade instaura-se, modificando alguns costumes e atingindo diretamente o papel da mulher na sociedade. Na família burguesa, o estilo de vida é pautado de forma delicada, pois a mulher passa a ter papel de educadora, mãe do lar e esposa dedicada ao marido. Nesse sentido, a família patriarcal envolve muito mais que um casamento entre homem e mulher marcado pela posição do homem como chefe, mas uma relação de extremo poder e controle nele. Segundo Cerezer (2008),

O homem burguês não deixa de ser o provedor da casa, o pai, mas dividirá com sua mulher alguns compromissos sociais e também políticos tais como assegurar a base da família sólida e, através de uma forte educação, passar uma imagem de civilização e controle de si, pois, uma vez que assumisse suas responsabilidades familiares, como bom esposo, bom pai (bem cuidadas pela sua esposa), seria, enquanto homem público, responsável com seus compromissos com os “cidadãos do povo”. (p.38)

Nesse cenário, compreende-se certa evolução social feminina que ganha algum status de importância, porém, ainda atrelada ao marido. Apesar de não estar mais fadada apenas aos afazeres domésticos e a participar de eventos como figura de certo destaque, é comandada por padrões que a identificam como responsável pelo bem-estar da família, submissa às decisões da figura masculina. Tais posturas serão evidenciadas, muitas vezes, nas obras de escritoras dessa época que já possuem liberdade de expressar a visão crítica em torno de muitos padrões e do comportamento masculino nem sempre respeitoso no casamento.

3 A ESCRITA DE RESISTÊNCIA DE MARIA BENEDITA BORMAN

Maria Benedita Câmara Bormann (Délia) foi uma famosa escritora do século XIX que fez de suas obras, a voz feminina no meio de uma sociedade machista e marcada pelo patriarcalismo. A escritora nasceu em Rio Grande, no dia 25 de novembro de 1857 e fazia parte de uma família de influência social e política. Com dez anos de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro com a sua família. Desenvolveu o interesse pela escrita por consequência de um hábito literário voraz e obteve uma formação acadêmica à altura de seu padrão familiar. Fluente em inglês e francês, estudava o pensamento humano e a literatura de sua época. Ademais, pintava, tocava piano e cantava mezzo-soprano. Foi casada com seu tio materno, José Bernadino Bormann, que também era escritor. Maria Benedita juntou-se a algumas escritoras da época e participou da criação de alguns jornais que tinham como objetivo a educação feminina, como *Gazeta*, *O Sorriso* e *O País*. Por sua família ter prestígio social e político, Délia lutou para deixar a sua marca feminina perante a sociedade do seu tempo. Assinava suas obras com o pseudônimo Délia. Alguns comentários sobre a autora apresentam ser apenas confusões com os traços de suas obras, principalmente em *Lésbia (1890)*, que traz relatos semelhantes à sua vida pessoal, em que a personagem Arabela demonstra interesse desde cedo pela escrita e intelectualidade e se vê realizada através da Literatura. No início do século XX, seus exemplares já haviam se tornado raros, mesmo que ainda fossem apreciados por aqueles que os possuíam e, com o tempo, seu nome também foi desaparecendo da memória coletiva. Veio a falecer em junho de 1895, aos 42 anos, após lutar bravamente para conquistar seu lugar no universo literário, fazendo histórias para muitas mulheres de sua geração, tornando-as representadas em narrativas críticas e observadoras.

Seu estilo transmite resistência à sociedade em que estava inserida, conceituando sua posição em defesa das mulheres que outrora não eram “valorizadas” pelos escritores da época. Em seus romances, evidencia conceitos que se opõem à sua realidade, criando personagens que expõem as mulheres como figuras de determinação, garra, beleza, fidelidade e principalmente bem-sucedidas por seus próprios méritos. É possível analisarmos, em todas as suas obras, esse traço peculiar, além de evidenciar que, para uma mulher determinar seu sucesso, não era preciso estar em um relacionamento. Maria Benedita critica a instituição do casamento e as máscaras por trás de uma

união falida. Em seus romances, demonstra uma experiência cultural nas personagens que ora apresentavam comportamentos tradicionais e ora, traços à frente de seu tempo, mas preservando o lugar de atuação da mulher. É possível chegar a essa afirmação, através de temas recorrentes em suas principais criações que demonstram seu projeto literário de posicionar a mulher como escritora em uma sociedade vinculada ao patriarcalismo.

Nesse cenário, a obra *Duas irmãs* (1883), objeto deste estudo, narra a história das irmãs Deia e Julieta, personagens principais. As duas irmãs são fruto de um casamento conturbado entre os pais. A mãe viu nas meninas uma outra forma de felicidade e até mesmo de sentido de viver, o que, de certa forma, evidencia perspectiva romântica, pois a maternidade exerce papel de salvação de uma vida infeliz. Com o passar dos anos, a mãe falece e o pai se casa com Ester, jovem ambiciosa que não compartilha de afeição por suas enteadas. Deia se apaixona por seu primo Jorge, que era capataz de seu pai. Com o desenvolvimento do relacionamento, os jovens se envolvem intimamente, traço à frente do tempo da autora, pois, essa intimidade, ao menos em teoria, deveria se dar apenas após o casamento.

Após a madrasta desconfiar e acabar descobrindo o envolvimento entre eles, conta para seu esposo, o que faz com que o pai chame sua filha para uma conversa que não termina nada bem. Ele a obriga a desistir de seu romance com o primo, chantageando a moça com a suposta exposição de sua desonra para sua irmã Julieta. Ela aceita casar-se com Maurício, um jovem rico que era apaixonado por ela.

Em sua noite de núpcias Deia confidencia ao esposo que não é virgem e que não poderia dormir com ele, levando em conta o seu passado e pede a Maurício que a libere para viver em outro lugar. Ele, por sua vez, não permite, mas promete a ela não insistir em intimidades, mesmo morando juntos. Mantém um casamento de aparências e, conforme o tempo passa, ela se apaixona pelo esposo, pela forma como é tratada por ele, mas mantém em segredo seu sentimento. Deia encontra refúgio na leitura e na ciência, pois seu esposo possuía uma vasta biblioteca, onde ela passa horas e mais horas de seus dias.

Sua irmã Julieta casa-se seis meses depois com Castro, um homem entregue à libertinagem e à jogatina, que não ama a jovem como ela merece, mas possui riquezas, o que faz com que o pai o aceite sem muitos questionamentos. Ela é infeliz em seu relacionamento, pois seu esposo gasta todos os seus recursos financeiros com jogos, bebedeiras e outras mulheres. Engravidada e tem dificuldade para aceitar a maternidade, porém, sua irmã Deia faz com que ela mude de ideia. Com o falecimento do esposo, Julieta passa a morar com a irmã, que tem autorização do marido para esse acolhimento. Em um determinado dia, o pai das meninas flagra sua esposa Ester tendo relações íntimas com Jorge e ele falece do coração. Interessante observar na obra traços realistas e naturalistas, visto que o adultério feminino não é comum em obras românticas. Aliás, a autora é considerada naturalista devido ao modo como conduz os enredos.

Maurício encontra-se doente, mas oculta de sua esposa. No aniversário de Deia de trinta anos, ele

sofre um desmaio, o que faz com que ela confidenciasse ao esposo seus sentimentos e quando ele retorna à consciência, o casal tem o primeiro e único gesto de carinho, que é um beijo. Maurício falece nos braços da amada. Deia adoece de saudade e de arrependimento e, um tempo depois, falece, deixando para sua sobrinha Clara e irmã Julieta, a herança deixada por seu esposo.

A obra intercala, dessa forma, elementos realistas e naturalistas com elementos românticos, visto que o destino de Deia é permeado por um amor oculto que a leva à morte, assim que se vê separada de seu grande amor. Entre sabores e dissabores, o enredo envolve o leitor com seu dinamismo e suas críticas à sociedade e ao tipo de tratamento recebido pela mulher.

4 A PERCEPÇÃO DO CASAMENTO PELA AUTORIA FEMININA

O século XIX é marcado, em diversos lugares, por mudanças políticas e sociais, dentre elas, o Romantismo no Brasil foi um dos componentes contribuintes para a independência literária, instigando a busca por novas ideias e perspectivas baseadas na própria cultura local, pois, como diz Júlio Flávio Vanderlan, “tudo o que era produzido no Brasil era “exportado” da Europa de forma que a produção acontecia em terras brasileiras, porém os temas e formas de composição das obras literárias eram inspirados em padrões europeus.” (2012 p. 2) Assim que a burguesia ascende ao poder, a arte romancista é trazida como porta voz de ideias, pensamento, ideologia dos valores burgueses como o casamento a religião, a nação e a valorização do indivíduo como o centro das atenções. Antônio Candido (1959), em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, relata:

“ (...) já que o Romantismo no Brasil foi episódio do grande processo de tomada de consciência nacional, constituindo um aspecto do movimento de independência. Afirmar a autonomia no setor literário significava cortar mais um liame com a mãe Pátria. Para isto foi necessária uma elaboração que se veio realizando desde o período joanino, e apenas terminou no início do Segundo Reinado, graças em grande parte ao Romantismo que, importando em ruptura com o passado, chegou num momento em que era bem-vindo tudo que fosse mudança. ” (p.281)

O Romantismo, então, é um movimento artístico e filosófico nascido em oposição ao Classicismo e, diferentemente do modelo clássico é voltado ao sentimentalismo, subjetivismo, ao desvio da realidade e à visão dos relacionamentos amorosos marcada por idealização, intensidade emocional e a busca por uma conexão profunda entre os amantes. Os românticos valorizam o sentimento de paixão e a entrega incondicional, muitas vezes colocando o amor acima de convenções sociais e normas estabelecidas. A figura do "amor impossível" é frequente na literatura romântica, com amores proibidos e obstáculos que impedem a união dos apaixonados e intensifica a dramaticidade das histórias. Além disso, exalta a natureza e seus elementos como símbolos de beleza e inspiração para o amor, sendo frequente a associação a sentimentos sublimes e transcendentais. As emoções intensas, a valorização do eu lírico e a busca pela individualidade também influenciaram a maneira como os relacionamentos eram retratados no período romântico, quando a expressão dos

sentimentos pessoais e a vivência da paixão se destacam na literatura, música e outras formas artísticas.

Maria Benedita promove, dessa forma, uma visão realista estabelecendo uma crítica às tradições e às normas destinadas às mulheres no século XIX. Na obra *Duas Irmãs*, a autora contesta a autoridade e a opressão de um pai sobre a filha. Em enredo, Deia é apaixonada por um rapaz de classe baixa perante a visão da sociedade. Em tempos que isso não era bem-visto no corpo social, seu pai não autoriza o enlace e a obriga a casar-se com Maurício que possui boas condições financeiras e é digno de lhe dar uma vida confortável:

“Sem mãe, moça, amei... e o homem, a quem distingui, abusou do meu amor! Soube meu pai de tudo; ainda assim ordenou-me que o desposasse, Mauricio, porque também era pobre o ente que me desonrara, e, no entender de meu pai, não se unem duas pobresas!...Indignada, recusei, dizendo-lhe que não poderia casar com outro, mas zombou, declarando que era muito ajuizado o meu sedutor, pois concordava em que me devia casar com a fortuna de alguém! ” (BORMANN, 2011, p. 47)

Retrata-se, assim, a insatisfação com o tratamento dado a mulher no contexto social do século XIX, em meio a tamanha pressão imposta por um movimento autoritário sobre a vida pessoal das mulheres que, para serem felizes, devem casar-se e gozar-se da domesticidade:

“(...) o casamento de Julieta realizou-se, seis meses depois da noite em que Deia achara abrigo sob o teto de Mauricio Barreto. Enquanto durou essa cerimônia religiosa, que tantas vezes inutiliza duas criaturas, Deia sentiu o coração confranger-se; teve ímpetos de arrebatá-la a irmã àquele sacrifício, onde aprecia vê-la imolada e fugir com ela para bem longe, livrando-a dos transe cruéis desta vida. ” (BORMANN,2011, p. 65-66)

A autora apresenta, então, a proposta de desmascarar os privilégios de um patriarcado, trazendo para suas obras, protagonistas críticas, inteligentes, com personalidade forte e dignas de abster-se de regras impostas pela sociedade machista, sendo capazes de pensar, agir e viver sozinhas. *Duas Irmãs* demonstra, de forma realista, como era a maioria dos casamentos, muitas vezes, de aparências para satisfazer convenções sociais. Embora Maria Benedita usufrua de um estilo Realista, ao denunciar que a protagonista foi pressionada a casar-se, é possível perceber alguns traços românticos quando a personagem Deia avista que não tem outra opção de vida e acaba aprendendo a gostar de Maurício. Por mais que ela não diga, o sentimento de amor fala mais forte e apenas quando seu marido falece, ela reconhece o amor que sente:

A morte o surpreendera, no momento mais venturoso de sua existência e tão rápida fora, que a dor não pudera suplantar a alegria, que o inundava, conservando o rosto o reflexo de sua íntima ebriedade. Deia passou a noite inteira a olhá-lo, a beijá-lo, a dar ao morto o que não ousara dar ao vivo. (BORMANN,2011, p. 97)

É importante ressaltar que, assim como Maurício tinha bons princípios e foi um bom par para Deia, também é possível contemplar a ideia de que há exceções em algumas regras. Embora a sociedade, em boa parte, seja machista, nem todos os homens se encaixam na mesma crítica, portanto, há valorização daqueles que são bons homens, assim como é descrito o marido de Deia. Dessa maneira, a autora não generaliza

comportamentos, o que empobreceria sua crítica.

5 GRITO SILENCIOSO: DENÚNCIAS AO TRATAMENTO DAS MULHERES NO SÉCULO XIX

Ao analisarmos a obra de Maria Benedita Bormann, podemos afirmar que a autora em sua obra, com toda sua desenvoltura para a escrita, denunciava o tratamento abusivo contra as mulheres de sua época, focando seus esforços em suas personagens principais Deia e Julieta. A autora evidencia, por muitas vezes, o abuso psicológico, físico, verbal, começava dentro do próprio seio familiar. Nesse sentido, o autoritarismo do pai sobre a vida de Deia se dá por pressão psicológica por meio de ameaça à destruição da amizade entre ela e sua irmã, caso ela não aceite se casar com o jovem rico Maurício: “ (...) mas é ele que me convém por mil razões. Você há de se casar, do contrário separá-la-ei de Julieta, contar-lhe-ei a sua falta, e verá a existência que lhe criarei!...Sabe, aliás, para quanto presto [...] (BORMANN, 2011, p.26). Entende-se que o pai exerce domínio sobre as escolhas de suas filhas, não permitindo que controlem seus destinos, baseando suas decisões apenas no que o favorece economicamente. Norma Telles, faz uma crítica no prólogo de *Duas Irmãs*:

“As mulheres, na vida e na literatura estavam confinadas, fechadas, em arquiteturas de uma sociedade massivamente patriarcal, isto é, em casas construídas por e para homens, de propriedades de pais ou maridos, e em textos literários masculinos que as definiam, como anjos ou monstros conforme se adequassem ao padrão madona do lar sem uma história própria ou se tornassem rebeldes\ marginais por motivos opostos, por tentar uma afirmação de si e ter uma vida com história própria.” (BORMANN, 2011, p. 7)

A autora faz críticas à sociedade da época através das duas personagens. Não ter direito de escolher com quem se relacionaria amorosamente é uma das formas de expor as consequências do patriarcalismo que anula a mulher socialmente. Por isso, inicialmente, a figura feminina obedece ao pai, casando-se contra a vontade. Durante o casamento, relaciona-se intimamente para satisfazer o marido. No caso da personagem, até a gravidez é indesejada, o que desmitifica o olhar sobre a sacralização do ato de ser mãe, ou seja, a vida passa a ser uma sequência de vivências isentas de sentido, já que é mera subordinação a determinações masculinas:

“Atenazava-a a ideia de ser mãe em tão dura situação e de que concebera, talvez, nesses momentos, longos, penosos, em que cravava as unhas no gelado corpo para que a dor lhe embotasse o odioso contato do homem, a quem se achava presa pelo dever.” (BORMANN, 2011, p.81)

A autora utiliza-se da história de Julieta para desmitificar a visão da maternidade, em que a mulher nasce predisposta a ser mãe e, por isso, sua existência ganha sentido. Na narrativa, há luta constante por parte de Julieta devido à não aceitação da gravidez, mesmo quando ela não vem de forma desejada ou planejada. Através da leitura da obra, podemos observar que há uma luta por parte da personagem com seus próprios sentimentos e emoções para aceitar o fato de estar esperando uma

criança. O que para muitas mulheres da época do Romantismo e dos dias atuais ressoa como algo positivo e muito esperado, para Julieta, torna-se apenas uma expansão do esposo que a maltrata.

[...] Em vez de se extasiar como as outras mulheres, a indefinível agitação do feto em suas entranhas causou-lhe horror e raiva! [...] (1893, p. 82) [...] quisera arrancar de si esse ser, gerado sem amor, sem estima, sem prazer, e oriundo de um ente que lhe inspirava asco! [...] (BORMANN, 2011, p.83)

6 ENTRE SABORES E DISSABORES: A DOR DE SER MULHER NO SÉCULO XIX

Sustentada pelos padrões europeus, a mulher do século XIX é fadada a apropriar-se de um espaço dominado pela imprensa e pelo modelo patriarcal. Com isto, era encarregada ao papel da maternidade, da religião e principalmente como mulher do lar.

Com Déia e Julieta não seria diferente, pois o enredo “Duas Irmãs” é marcado pelo sofrimento das meninas após a morte da mãe. Elas não têm direitos básicos de escolha, passam a se submeter às regras do pai. Déia, apaixonada por seu primo Jorge, com quem tem relações sexuais, é proibida de se casar com quem ama. A irmã, por sua vez, seis meses depois se casa com Castro, que também é rico e cai nas graças do pai facilmente. Julieta é ingênua, inocente, vive com o exemplo de sua mãe e ao contrário de sua irmã transgressora, é submissa às regras impostas pela sociedade e, conseqüentemente, por seu pai.

Perante a visão do homem, Castro era a pessoa perfeita por gerir seus bens de forma independente por sua boa condição financeira que o permitia ter uma vida de luxo. Em contrapartida, Julieta torna-se infeliz ao seu lado, já que a fortuna não é suficiente para manter o relacionamento. O marido inicia sua vida de libertinagem e jogatina, em que gasta todo seu dinheiro. Julieta engravida e sente dificuldade em aceitar a maternidade e deseja se divorciar, mas isso vai contra a lei da sociedade, portanto continua casada, infeliz, vivendo de aparências:

Cinco anos passaram por Julieta, mudando-lhe o sentir, tirando-lhe a infantil alegria, dando-lhe a precoce gravidade dos que lutam e sofrem. O casamento fora o abismo onde todas as suas esperanças se sumiram, deixando-a atônita e pesarosa. (BORMANN, 2011, p. 81)

Desde o início da colonização brasileira, o patriarcado definia a mulher como um ser submisso ao homem e aos dogmas da igreja. Julieta assume esse papel de mulher frágil e servil, de acordo com o que devia ser seguido. Dessa forma, se Julieta decidisse pelo divórcio seria repudiada e ameaçada pela própria imprensa, visto que “Iníquia lei a nossa: priva a mãe honesta de velar pela filha e a entrega ao pai, embora depravado e capaz de a lançar ao abandono ou à mercê de indignas criaturas!” (BORMANN, 2011, p. 85).

A Autora, por meio do destino infeliz das duas irmãs, expressa a indignação e, ao mesmo tempo,

a resistência diante de um sistema opressor:

A autora observa particularmente a condição das mulheres, suas limitações e vicissitudes, em uma época em que a elas não eram dadas muitas escolhas e o casamento era o divisor de águas na vida de jovens burguesas, pois era para ele que eram preparadas. Nenhuma das duas irmãs teria uma vida feliz, uma por ser transgressora, a outra por obedecer às regras da sua sociedade. E, talvez, seja precisamente nessa sociedade que os problemas tenham começado, antes mesmo de as duas se tornarem moças. (TELLES,2011a, p.5)

Ao apresentar trajetórias femininas que culminam com a infelicidade e a anulação pessoal, a escritora expressa postura crítica e chama atenção à necessidade de mudanças. A cada página, leva o leitor a refletir sobre injustiças insustentáveis em uma sociedade que se diz avançada e busca o progresso. Tais considerações construídas ao longo da história são atemporais, pois o patriarcalismo deixa ainda suas marcas na contemporaneidade, em pleno século XXI.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de pouco mencionada, na era contemporânea, a produção escrita feminina do século XIX foi expressiva e assumiu papel relevante na disseminação dos ideais e sofrimentos enfrentados pelas mulheres como resistência às imposições patriarcais da época.

Na obra analisada, pode-se observar uma espécie de grito contra os valores machistas e impotência feminina diante do cenário da época por meio da trajetória das duas personagens irmãs de sangue e irmãs na dor de ser mulher. Os traços realistas associados aos resquícios do Romantismo revelam a dificuldade de superação da condição subalterna da figura feminina, bem como do empoderamento perante a postura masculina opressora.

Apesar de pertencer ao século XIX, Bormann traça críticas relevantes que se estendem ao nosso tempo, ainda impregnado pelo machismo enraizado na sociedade. Por isso, é importante que a escrita feita por corajosas mulheres do passado não seja esquecida e continue a promover reflexões que motivem a luta constante por reconhecimento e por direitos.

REFERÊNCIAS

BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Dois Irmãs*. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara. (Délia). Coleção Rosas de Leitura. Introdução, atualização do texto e notas de Norma Telles. 2011. p. 1-108. Disponível em: http://www.normatelles.com.br/livros/Dois_Irmãs.pdf. (Acesso em: 11 fev. 2023.)

CEREZER, Larissa. *No recato da intimidade reflexões sobre a mulher e a família burguesa no brotar do século XX*. Florianópolis, 2008.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Unesp, 2002.

FERREIRA, Taciana. **Senhora: uma articulação cultural da representação feminina no século XIX**. Ed. nº 14. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): Revista Entrelaces, 2018. **Letras e ideias**, <[*Vista de Lésbia \(ufpb.br\)*](http://Vista.de.Lésbia(ufpb.br))>, jun, 2018.(Acesso em 20/06/2023)

SILVA DOS SANTOS, Luciene. *Uma leitura da representação feminina em Aurélia, de Maria Benedita Bormann, à luz da crítica feminista*, 2022.

TELLES, Norma. Notas de uma Leitura. In: **BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia)**. *Duas Irmãs*. 1. ed. 1883. São Paulo: Coleção Rosas de Leitura, 2011. p. 5-20.

VANDERLAN FERREIRA, Júlio Flávio. *Romantismo: a formação da literatura brasileira*. Ed. nº 02. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, 2012.

WILSON VOLPINI, Javer. *O literário feminino nos romances oitocentistas de Délia*, 2019.